



Geografías desde el Sur

ISSN: 1853-6026

Nro 14 - julio 2026

CENTRO DE INVESTIGACIONES GEOGRAFICAS

Directora

Pintos, Patricia

Secretario

Arturi, Diego

Consejo Directivo

Carut, Claudia

Feliz, Mariano

Langard, Federico

Margueliche, Juan Cruz

Cortizas, Ludmila

Zamponi, Analía

Comité Editorial

Mariano Félix - CIG-IdIHCS (FaHCE-CONICET); Claudia Carut - CIG-IdIHCS (FaHCE-CONICET); Federico Langard - CIG-IdIHCS (FaHCE-CONICET); Juan Cruz Margueliche - CIG-IdIHCS (FaHCE-CONICET); Analía Zamponi - CIG-IdIHCS (FaHCE-CONICET); Ludmila Cortizas - CIG-IdIHCS (FaHCE-CONICET); Néstor Murgier - CIG-IdIHCS (FaHCE-CONICET); Héctor Luis Adriani - Departamento de Geografía, FaHCE-UNLP; Juan Pablo Del Río - Doctorado en Geografía, FaHCE-UNLP; Patricio Narodowski - Maestría en Políticas de Desarrollo, FaHCE-UNLP

Equipo Editorial

Directora

Pohl Schnake, Verónica

Secretaria

Maraggi, Inés

Coordinación Editorial

Margueliche, Juan Cruz

Dossier:
"Milton Santos: la fuerza del lugar"

Espaço, lugar e cotidiano: força unitária, mediadora e existencial

Cilene Gomes

Universidade do Vale do Paraíba, SP, Brasil

Resumo: O artigo traz uma releitura conceitual orientada pela temática da força do lugar, segundo Milton Santos. A categoria "lugar" será apresentada em três aproximações compreensivas: a primeira, centra-se na relação entre espaço e lugar; a segunda, com foco na mediação entre indivíduos e o mundo; e a terceira, em consideração à dimensão espacial do cotidiano. Com esse direcionamento, objetivou-se elaborar uma explanação de forças do lugar, pressupondo que o lugar é condição e suporte de relações globais; e constitui-se como o encontro de relações verticais e horizontais e lócus de relações interindividuais que exprimem estados dinâmicos de unidade com o espaço, mediação com o mundo e consciência da existência. Nesse exercício de natureza exegética, ressalta-se, ainda, na teoria do espaço de Milton Santos, a perspectiva da afirmação de valores para a realização de uma vida social com sentido e uma redefinição "utópica" da transformação social nos lugares e através dos lugares.

Palavras-chave: Milton Santos; espaço geográfico; lugares; mediação; cotidiano.

INTRODUÇÃO

Para contribuir ao dossiê proposto, *Milton Santos: a força do lugar*, desde logo é preciso considerar a importância dada pelo intelectual à ideia de universidade (antes mesmo da instituição universidade), da totalidade e a inerente questão do movimento, de construção de uma visão abrangente e dinâmica do que é o mundo, do que é o país, do que é o lugar. Nosso trabalho é ajudar a produzir consciência e contribuir para o debate social, da transformação social, elaborando uma interpretação do mundo a partir do lugar em que se está, o que também modifica a interpretação do nosso lugar (Santos, 1997).

Nesse sentido, buscando identificar os instrumentos de interpretação e análise da realidade e inspirando-se na história do presente, somos conduzidos a compreender que as regiões, os lugares não mais se explicam por si mesmos, pela territorialidade diferencial (em relação à de outros lugares) das sociedades parcelares que os animam e transformam, sem outra mediação qualquer. “Hoje, cada vez mais, os lugares são condição e suporte de relações globais” (Santos, 2005, p. 156), de uma divisão do trabalho globalizada e intercâmbios intensificados que imprimem aceleração aos processos do tempo social e às mudanças nas formas-conteúdo de regiões e lugares. A diferenciação entre tais aproximações espaciais é assim acentuada e se exprime pela combinação entre forças globais e locais de regulação e de resistência e afirmação consciente da vida social no território compartilhado, exigindo, por isso, o conhecimento sistemático da constituição desses lugares na atualidade, em sua condição de encontro de tendências à união vertical e coesão horizontal, ocasionando momentos e situações de desorganização e reorganização da sociedade civil em seu todo.

Com base nessas linhas mestras, considera-se uma releitura possível do estudo sobre a “força do lugar” na teoria do espaço de Milton Santos reaproximando a compreensão dos seguintes fundamentos: 1. o lugar é um microcosmo do espaço geográfico e, assim, impulsiona forças constitutivas e relacionais; 2. o lugar é mediação entre os indivíduos e o mundo, dando movimento a forças organizadoras e participantes; e 3. o lugar é a dimensão espacial do cotidiano, direcionando a instância empírica da força existencial do lugar pelos eventos do pensamento, da ação e do princípio da solidariedade social.

O objetivo do artigo é propiciar uma explanação do força do lugar, segundo Milton Santos, procurando sinalizar teoricamente para a consecução de futuras análises que, na relação fundamental com o tempo presente, façam transparecer a medida da realidade ou a concretude da existência empírica, pois, como argumenta o geógrafo, em sua estatura de filósofo, “muitos daqueles que se dizem preocuparem-se com o concreto das coisas imaginam que o esforço de abstração pode ser feito fora do concreto e mesmo contra o concreto”, afirmando então que “a busca da abstração está na base mesma da realização dos nossos mínimos atos como ser social” (Santos, n.d, p. 49). Para isso, o procedimento fundamental adotado não se distanciará de um estudo da teoria do espaço de Milton Santos, de natureza exploratória ou, tônica exegética, com o uso de referências adicionais, quando pertinentes, para complementar a elucidação da temática.

ESPAÇO E LUGAR: FORÇA UNITÁRIA

O lugar é um microcosmo do espaço geográfico. No lugar, a dimensão do espaço geográfico está inteiramente presente (contida). A força primordial do lugar nasce dessa unidade com o espaço geográfico. As forças constitutivas

e relacionais do espaço são as forças que se particularizam no lugar e que se realizam através do lugar. A complexidade do espaço geográfico e as leis que regem o movimento social estão presentes no lugar em certa proporção, conferindo ao lugar uma força contextual própria. Há uma relação de redução e amplificação entre lugar e espaço geográfico, com a diferença de escala física na dimensão das características constitutivas e nas dinâmicas (e nos ritmos) do movimento histórico. A complexidade dos arranjos materiais, dos objetos geográficos, e a força imaterial do fator humano, da evolução social, da criação de técnicas, em todo domínio de relações e toda sorte de mediações, compõem o tecido unitário entre espaço e lugar, entre o que está mais próximo ou visível e as determinações do invisível ou do que está mais distante.

Em outras palavras, fundadas na teoria de Milton Santos, o espaço geográfico é uma categoria filosófica e é a força não material de uma região, um lugar, o que há de mais significativo na geografia dessa região ou lugar, é o que lhes atribui seu caráter distintivo, pois nessa força do lugar residem os fatores nem sempre imediatamente perceptíveis que lhes afetam, aumentando ou diminuindo a sua potência de ação. E essa é então, justamente, a força potencial maior ou menor que desestabiliza as condições advindas do passado, ao coloca-las em defasagem relativa à ordem social do espaço e do tempo, e que as reorganiza e transforma, engendrando novos acontecimentos e situações. A força contextual dos lugares advém dessa parcela de suas determinações encobertas à primeira vista, mas que podem e devem ser decifradas por esforços de análise e abstração, em sua dialética com o espaço geográfico, uma estrutura social dotada de leis próprias de evolução e de um dinamismo próprio.

Vigora no lugar uma lei de união com o espaço tempo da formação social, com suas formas-conteúdo distintas, individuadas, concretas. Para que a sociedade se torne a unidade da diversidade, em cada momento da história, será preciso traduzir a ideia de metamorfose do ser em existência “mediante os processos impostos [por] suas próprias determinações e que, transformando a potência em ato, fazem que cada forma apareça como um indivíduo separado” (Santos, n.d., pp. 43-44), com seu próprio conteúdo no curso de uma sociedade em movimento. A sociedade se torna espaço por sua existência, por seu conteúdo corporificado nas formas geográficas, e por sua distribuição na superfície da Terra. Daí a definição do espaço de Milton Santos como “um conjunto indissociável do qual participa, de um lado, um certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro lado, a vida que os anima” (Santos, n.d., p. 44), a sociedade em movimento. Essa solidariedade entre objetos e ações dá concretude à força unitária entre espaço e lugar.

As formas são, assim, continentes de conteúdos, que resolvem problemas de organização da formação socioespacial de diversa natureza. Por isso, diz Milton Santos, “o valor se distribui diferentemente no espaço e cada lugar tem um valor diferente” (n.d., p. 45), um valor diferencial no todo que o engloba. De acordo às dinâmicas da sociedade, há novos problemas ou agravamento de problemas estruturais em razão de determinações da formação socioespacial e necessidades prementes, há mudança de conteúdos sociais e das formas que os organizam e uma mudança na distribuição dos valores no espaço. É por essa dialética entre a sociedade total, a formação social, e as formas-conteúdo constitutivas do espaço humano, que o movimento da história se estabelece e a evolução social se enriquece e se revivifica, com a modificação paralela do espaço e de sua organização, instaurando uma redistribuição de valor.

O espaço como categoria filosófica remonta às preocupações dos primeiros geógrafos com a arte da vida, a felicidade, e de outro lado, com a filosofia da natureza, hoje conhecida como Física. Para Milton Santos, com a humanização da

natureza, a explicação do espaço geográfico deve ter origem no social e, por isso, a geografia deixa de ser uma filosofia da natureza e se torna uma filosofia das técnicas, “as técnicas sendo consideradas como o conjunto dos meios de toda espécie de que o homem dispõe em um dado momento e dentro de uma organização social, econômica e política, para modificar a natureza”, seja a primeira natureza, seja a natureza já previamente transformada pelas gerações anteriores (Santos, n.d., p. 47). As técnicas são mediações dos modos de produção e dos objetos produzidos. As técnicas utilizadas pela sociedade são de tipos e tempos distintos, e por isso devem ser estudadas na sua coabitação em um lugar e na sucessão dos tempos históricos, sendo essa conjugação de espaço e tempo o método para interpretar as relações homem-natureza, as forças produtivas e as relações sociais de produção.

A elaboração de uma epistemologia espacial resultaria da abstração, uma abstração filosófica, sim, a partir do que é concreto, da busca no domínio próprio da geografia, o espaço (Santos, n.d., pp. 47-48). O espaço é então “o lugar filosófico e o real concreto” por onde se desenvolve uma filosofia da geografia a partir da autoconsciência da época histórica, (p. 49), das transformações do processo produtivo em seus aspectos materiais e imateriais. O espaço é “a expressão mais literal e também a mais extensa dessa práxis humana”, sem a qual a existência não pode ser entendida (p. 50). No espaço, diz Milton Santos, “o homem faz-se natureza e a natureza se torna social” (p. 52).

O lugar em sua concretude não deixa de ser, então, igualmente, uma categoria filosófica, pois é a partir dos fatos específicos que se apresentam à compreensão que a busca possibilita estender o tempo espacial para diante e para trás e ir além do espaço circunscrito por seus limites. Se o ajustamento de foco conduz do espaço ao lugar, do lugar ao espaço as implicações contextuais (necessárias) dos fatos sociais, da existência das ações e dos objetos concretos, revelariam que as realidades nascem umas das outras, amplificando as propriedades e determinações da formação socioespacial e tornando mais complexa a sua estrutura.

Mas qual a dimensão do lugar – o reduzido ou diminuto universo de individuação do espaço geográfico? Para Milton Santos, somente o fato metropolitano, a organização complexa do espaço urbano-metropolitano pode ser considerada uma totalidade, a totalidade menor (Santos, 1993, p. 79) a partir da qual a formação socioespacial de um país pode ser compreendida, segundo um critério sistêmico de variáveis constitutivas. O espaço é feito de aglomerações urbanas ou cidades e espaços geográficos que lhes são adjacentes e solidários e delas dependem. O espaço urbano é organizado por um sistema de núcleos urbanos e paraurbanos (protourbanos), cidades diferentes umas das outras e lugarejos (Santos, 2014, pp. 115-117). A cidade mais complexa que o representa é, assim, para Milton Santos, o lugar por excelência.

A evolução espacial pode ser assim compreendida na instância do lugar. Sua força provem, primordialmente, de sua unidade com o espaço, que contém o lugar e neste está contido. Provem igualmente de suas determinações e condições particularizadas que lhe conferem o valor diferencial de lugar evolutivo por sua força mediadora, que faz a mediação entre o mundo e os indivíduos, com sua força organizadora (ou reorganizadora) e de elementos participantes da organização socioespacial, com sua força de sustentação ou resistência, orientada por maior ou menor discernimento ativo.

LUGAR EVOLUTIVO: FORÇA MEDIADORA

O lugar é o ponto singular, uma localização do espaço e do tempo, uma referência de significação do mundo. Para Milton Santos, o lugar é funcional ao todo, exprime a tendência à individualidade, oposta à globalidade, cuja unidade manifesta a lógica dos sistemas sociais (Santos, 2017, p. 114). O lugar é a dimensão concreta, materialmente sensível,

correspondente a uma localização de forças sociais convergentes, globais e locais propriamente ditas, que revela à sua maneira diferencial, o universo, o contexto que o engloba, a informação da realidade do mundo, de seu dinamismo e seus objetos. Em sua natureza participante do mundo, os lugares são diferentes uns dos outros, e quanto mais distinguíveis suas diferenças tanto mais as forças constitutivas próprias dos lugares exprimem sua dimensão relacional, em âmbitos mais abrangentes.

No mundo atual, os processos de globalização das relações econômicas, políticas e socioculturais conduzem a um reposicionamento da dimensão local, da questão dos lugares, ao centro de sua própria ressignificação. Qual o novo lugar dos lugares? No raciocínio de Milton Santos, essa resposta se desenvolve pela abordagem das interações nas situações da vida social, fundada na busca de apreensão da objetividade da ação humana sobre o meio e das relações intersubjetivas que a caracterizam, da ação comunicacional, ação simbólica sobre o ser humano. Citando Bakhtin, *Toward a Philosophy of Act* (1993), Milton Santos (2017, pp. 315-316) faz referência aos três momentos dos atos realizados de um processo incessante de interação pelo qual os valores se constroem e se reconstroem: o eu-para-mim-mesmo; o outro-para-mim; o eu-para-o-outro.

Essa força mediadora do lugar concreto concerne, assim, às características que se referem ao foco da ordenação racional dos arranjos técnico-materiais, tangenciais, da exterioridade de uma coletividade humana, e de outro lado, o foco de sua dimensão valorativa, simbólica, expressa pelos processos diferenciados de organização do pensamento social em sua dimensão relacional e variada expressão de reflexividade e, por conseguinte, de co-reflexão.

Daí a proposição feita por Milton Santos (2017, p. 257) entre uma tecnosfera (mundo dos objetos) e uma psicofera (esfera da ação) e de definição e análise dos lugares por suas qualidades diferentes de conteúdo técnico, informacional e comunicacional: “Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela densidade comunicacional, atributos que se interpenetram e cuja fusão os caracteriza e distingue”, correspondendo, respectivamente, ao grau de artifício e intencionalidade dos objetos concebidos e produzidos ou visados; ao “grau de exterioridade do lugar e a realização de sua propensão a entrar em relação com outros lugares, privilegiando setores e atores” (p. 257); ao grau de interdependências obrigatórias ou de solidariedade geradas pelas situações da co-presença, do cotidiano compartilhado e instável.

Distinguindo entre informação e comunicação, Milton Santos (2017, pp. 316-317) ressalta, na experiência comunicacional de indivíduos e grupos, os processos e atos de “por [algo] em comum”, onde pode ou não haver transmissão de informação, onde participam e se entrelaçam preocupações pragmáticas e valores simbólicos, interpretações da existência e de situações objetivas, promovendo (ou não) o cultivo da socialidade e a partilha de significações do passado. A partir da comunicação e dos ensaios simbólicos daí oriundos, percebe-se que o mundo são os outros e que a existência singular e as atividades dos sujeitos e grupos ganham amplitude na realização de tarefas comuns, envolvendo apreciações da experiência social mais ampla, a transindividualidade das experiências da vida cotidiana.

Na reflexão sobre a força mediadora do lugar, é preciso lembrar da ênfase dada pelo geógrafo (Santos, 2017, pp. 317-319) à proximidade estabelecida pela contiguidade física na intensificação da socialidade. A totalidade das relações sociais, e não apenas as relações econômicas, se dá em situações espaciais de vizinhança, com criação de cultura e identidade. A densidade das relações sociais confere ao lugar a propriedade de intermediação da inteligência e afetividade dos indivíduos na produção de consciência social, do mundo, e no aumento ou diminuição da potência

de ação. As trocas simbólicas numerosas e frequentes, diversificadas e renovadas, os intercâmbios efetivos entre as pessoas, os encontros são a base de realização da comunidade e mediação do exercício da função específica de cada um. As cidades dimensionam esse fenômeno da densidade social, da co-presença e da interdependência funcional, também como práxis e fator de mudança qualitativa e rápida das relações sociais, e ainda, mediante sua condição de campo multitudinário propício a mutações, à reemergência das massas, ao desacantonamento da cultura popular de uma geografia restritiva, mediante atos espontâneos de afirmação consciente sobre a cultura de massas e o uso de recursos tecnológicos disponíveis (Santos, 2017, p. 320).

O lugar evolutivo é uma dimensão concreta da evolução socioespacial humana no planeta, com a mesma forma geral de movimento a partir de variáveis-força (forças sociais constitutivas, organizadoras) e variáveis-suporte (estruturas ou arranjos técnicos) e de relações de interdependência, horizontais (no nível do lugar) e verticais (com níveis de articulações de maior abrangência ou amplitude). Importante observar que evolução aqui não exclui, engloba, portanto, as formas de entropia ou desorganização do sistema tecno social a partir das quais se dá o processo permanente de reorganização consciente (ou centrada) da vida social. O lugar é lugar das mediações para a construção do sentido social do lugar no universo do qual mobiliza sua força participante. O lugar é fibra do tecido socioespacial e o valor de sua dimensão dialógica se expressa no lugar da vida cotidiana.

LUGAR DO COTIDIANO: FORÇA EXISTENCIAL

A existência do mundo se dá nos lugares; daí ser o lugar a dimensão espacial do cotidiano, “uma espécie de quinta dimensão do espaço banal” (Santos, 2017, p 321), uma dimensão imediata de ampliação do tempo histórico, configurada pelos objetos que nos cercam e condicionam à ação e pela coexistência de conexões e interdependências entre pessoas e ações, segundo a regulação de tempos externos e internos, ordens que nos lugares se superpõem e criam campos de influência social, por meio de forças normativas e fluxos de informação e comunicação.

Sendo os lugares diferentes, suas condições materiais e formas de conexões são heterogêneas, combinando-se pelos mais variados eventos, dos mais conformes às ordens hegemônicas (externas, internas), ou da maioria, cujo comportamento lhes condiz (pela conformidade), aos mais responsivos às necessidades de transformação social, no geral de natureza oposta, conduzidos por minorias ativas (Moscovici, 2011), cuja influência, em certas condições, poderão assumir formas inovadoras de resposta aos problemas sociais. Aqui, a força existencial no lugar do cotidiano exprime o fato de que as pessoas, firmas e instituições, independentemente de sua posição, são potenciais emissores de influência, pela ação que exercem, em sua condição de elos de transmissão, e criadores de normas, portanto, com impactos diferenciais nos diferentes âmbitos sociais dos quais participam.

No cotidiano compartilhado, o lugar “é o quadro de uma referência pragmática ao mundo” (Santos, 2017, p. 322) - de onde lhes chegam “solicitações e ordens precisas” - e se define pela força de cooperação ou por situações de conflito, pela força de organização ou manifestações de espontaneidade e inventividade. Estas são a base da individuação da vida social que se dinamiza nos lugares e da política que neles se territorializa. Pela força unitária que os liga ao mundo, às forças da modernidade contemporânea, os lugares se individualizam por sua complexidade ou simplicidade, pelas ordens de origens diversas que se entrelaçam no espaço banal da vida em comum. Com sua força influente própria de desorganização-reorganização, os lugares globais simples e complexos se diferenciam pela superposição mais ou menos intrincada de ordens e sistemas diversos de cooperação e de solidariedade, de modo a Milton Santos (2017, pp. 322-323) considerar a cidade grande, as metrópoles como lugares banais onde podem se

instalar, conviver e prosperar “todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização”; todas as especializações de atividades e toda diversidade socioespacial, manifesta pela produção de materialidades e espaços contrastantes, com formas de trabalho e vida social, interações e relações intersubjetivas que se multiplicam e se ampliam conduzindo necessariamente ao devir de eventos singulares e a escolhas de futuro.

Nesse sentido, não se pode deixar de ressaltar na abordagem de Milton Santos (2017, pp. 324-325), a questão da racionalidade normativa, de base científica, tecnológica e informacional, dominante e rígida, geradora de solidariedade organizacional (cooperação hegemônica) pela força da velocidade, em contraposição ao que denominou de “flexibilidade tropical”, para designar as respostas de parcelas consideráveis da população às condições de precariedade da existência, expressas pela força de metamorfose do trabalho, criadora de um quadro de ocupações móveis, adaptáveis e localmente solidárias, com um denso conteúdo comunicacional gerado por uma afinidade de destino, econômica ou cultural. Daí o geógrafo afirmar a força do lugar no tempo dos homens “lentos”, para quem as fabulações perversas de um mundo pré-fabricado, calculado e rotinizado ao sabor das ondas de modernidade imposta são em boa medida inacessíveis e, por isso, recusadas, facultando, nos espaços opacos da cidade onde residem e transitam, a uma espécie de um desconforto criador, uma consciência autêntica, advinda da escassez, e pronta às transformações mediadas pela força de coesão e o fato de que dependem mais uns dos outros para resistir e subsistir.

Com esse contraponto dado a um novo debate, Milton Santos introduz a cultura como elemento de agregação, permanentemente criado e recriado pela vida social na cidade: “A cultura, forma de comunicação do indivíduo e do grupo com o universo, é uma herança, mas também um reaprendizado das relações profundas entre o homem e o seu meio” (2017, p. 326). Distinta da cultura de massas, e dos argumentos de sua racionalidade para uma existência empobrecida pela vontade de uniformização e indiferenciação, Milton Santos fala da cultura profunda, a cultura popular, que se nutre das relações profundas e simbólicas entre os homens e o seu meio, sem a vontade de romper com o lugar, obtendo dele a continuidade, para enfrentar o futuro e alçar, por meio da mudança, nova consciência do mundo. Nos lugares, sobretudo nas cidades, cada vez mais desiguais, a cultura de massas e a cultura popular “colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem num jogo dialético sem fim” (p. 327).

A intensa mobilidade de nossos dias, o ritmo intenso de mudanças e de mudança de lugares, a sucessão vertiginosa de eventos cotidianos faz do espaço vivido um lugar de trocas, de embates culturais, e muitas vezes, o *locus* de um estranhamento, uma alienação, uma desculturização, onde o tempo da memória e as experiências vividas devem se reorientar e, por isso, se renovam. Pois os entornos vitais que influem na construção dos homens sempre estão presentes na atividade imediata do pensar e no tempo da ação. Os lugares são assim matrizes do processo de entendimento, do reaprender (Santos, pp. 327-328), das interações e influências recíprocas que recriam a territorialidade e a cultura.

Nessa contraposição entre experiências e saberes enraizados na memória e o necessário estado de ânimo diante dos lugares onde se está, para uma inserção ativa, consciente, Milton Santos indica a equiparação da força existencial do lugar à disposição impulsionada pela força renovadora da descoberta:

Em que medida a “territorialidade longa” seria mais importante que a efemeridade? A memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro. Essa tese ganhou tal força que hoje, diante de uma sociedade e uma cultura em perpétua agitação, a cultura do movimento é apontada como o dado essencial da desagregação e da anomia.

Mas sabemos também que os eventos apagam o saber já constituído, exigindo novos saberes. Quando, como nos dias atuais, os eventos são mais numerosos e inéditos em cada lugar, a reinserção ativa, isto é, consciente, no quadro de vida, local ou global, depende cada vez menos da experiência e cada vez mais da descoberta (Santos, 2017, p. 329).

Nesse sentido, a ação comunicativa, nas relações interpessoais, torna-se enriquecida e o que pareceria irre recuperável no esquecimento ou desfazimento cultural, pela desterritorialização e os deslocamentos à periferia social, converte-se em práxis inventiva. Pobres, migrantes e minorias inferiorizadas são assim beneficiados pelo choque do que é novo, pela exigência de novas formulações, pelos novos saberes que adquirem. Ao afirmar que “A consciência *pele lugar* se superpõe à consciência *no lugar*”, Milton Santos (2017, pp. 329-330) faz notar que a força existencial do lugar é um dado dinâmico na agregação de consciência e na produção da nova história quando o futuro comanda as ações do presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse breve estudo teórico sobre o lugar, definido no âmbito da vida cotidiana, é preciso ressaltar, mais uma vez, a dimensão simbólica das relações interindividuais, da experiência comunicacional dada pelas interpretações diversas da existência e pelas negociações do mundo prático, e sobretudo, destacar o objetivo do trabalho na produção da ideia e da realidade, orientado pela afirmação de valores, se, inspirados em Milton Santos, desejamos oferecer condições para a realização de uma vida social com sentido.

A perspectiva do valor é central na teoria de Milton Santos, teoria do espaço e dos lugares; ela é decisiva na redefinição “utópica” de rumos a caminho da transformação social, da transmutação das relações entre o que é global e o local, entre as determinações da sociedade global, da formação socioespacial, e os objetos sociais pré-existentes nos lugares em movimento.

Nesse sentido, o geógrafo distingue valores essenciais, em qualquer tempo e lugar, e valores contingentes, da história do presente, e propõe que, na construção de outro modelo cívico-territorial, outra união política de lugares, o melhor “é agir sobre o que age sobre a totalidade dos lugares, isto é, a própria sociedade considerada como um todo” (Santos, 2000, p. 111), suscitando, entre outras, a reflexão sobre a espécie de valores que a sociedade cultiva como medida de suas escolhas, de seus desígnios de transformação e desenho de ações.

Com esse entendimento, deixa entrever a possibilidade de que a diferença de níveis sociais, segundo o valor dos indivíduos e dos lugares, não seja arbitrária nem exclusivista, mas fundada na incorruptibilidade de valores essenciais e em correspondência criteriosa e coerente entre capacidades internas (forças de contração) e posições externas (forças tangenciais).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, M. M. (1993). *Toward a Philosophy of Act*. University of Texas Press.
- Moscovici, S. (2011). *Psicologia das minorias ativas*. Editora Vozes.
- Santos, M. (n.d.). O espaço geográfico como categoria filosófica.
- Santos, M. (1993). *A urbanização brasileira*. Editora Hucitec.
- Santos, M. (1997). O intelectual, a universidade estagnada e o dever da crítica. Discurso proferido ao receber o título de professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 28 de agosto de 1997. *Revista Adusp*, (11).
- Santos, M. (2000). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Editora Record.
- Santos, M. (2005). *Da totalidade ao lugar*. Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. (2014). *Espaço e método* (5 ed.). Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, M. (2017). *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção* (4 ed.). Editora da Universidade de São Paulo.